



III CIFA
COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS

RAIZEIRAS E BENZEDEIRAS DA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE: ARTICULANDO SABERES E FEMINISMO

SILVA, Ana Carolina Figueiredo¹; SANTOS, Janaina Gomes dos²; SOUZA, Crisângela Elen de³

¹ Graduanda em Geografia, UFMG, Belo Horizonte, MG, Bolsista do Núcleo de Estudos em Agroecologia AUÊ! UFMG, e-mail: carolfigueiredos@gmail.com

² Graduanda em Geografia, UFMG, Belo Horizonte, MG, e-mail: gomesjana55@gmail.com.

³ Geógrafa com ênfase em geografia do Rural formada pela UFMG. Integrante do Grupo Estudos em Agroecologia AUÊ! UFMG, Belo Horizonte, MG, e-mail: crisangelaelen@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho busca evidenciar a importância das raizeiras e benzedoras da RMBH e como suas práticas com as plantas medicinais auxiliaram nas vivências pessoais e coletivas e nas trocas dos saberes. Através de entrevistas realizadas com raizeiras e benzedoras residentes na RMBH, observou-se que as práticas fazem parte da história dessas mulheres e que a agroecologia através de plantas medicinais transformou suas vidas no âmbito familiar e social. Além disso, observa-se a importância da agroecologia no contexto dos sistemas alimentares agroecológicos com a adoção de práticas agroecológicas por meio do cultivo das plantas medicinais. Assim, o presente trabalho busca dar visibilidade aos ofícios de raizeiras e benzedoras na RMBH, bem como as origens e práticas de cura com as plantas; perpetuação dos saberes tradicionais, da agroecologia e da importância do feminismo na vida cotidiana das raizeiras da na RMBH.

PALAVRAS-CHAVE: Raizeiras e Benzedoras; Região Metropolitana de Belo Horizonte - RMBH; Plantas Medicinais; Feminismo.

INTRODUÇÃO

O uso de plantas medicinais pelas civilizações antigas é notado há bastante tempo, visto que na Idade Média, seu uso era amplamente difundido, principalmente pelas mulheres. Nesse período, as mulheres detinham os saberes das práticas e manipulações das plantas usadas nas curas e, por isso, muitas vezes, eram chamadas de bruxas. Suas práticas de cura e cuidados foram condenadas e duramente reprimidos pela Igreja Católica durante o período da Inquisição, pois, no entendimento do clero, essas mulheres iriam “competir” com seu poder hegemônico. Atualmente, são encontrados dois ofícios que perpetuam esse saber ancestral: raizeiras e benzedoras (benzedoras).

As raizeiras e raizeiros, de acordo com Oliveira (1985), são pessoas que geralmente sobrevivem comercializando plantas medicinais e apresentam conhecimentos empíricos para identificar, coletar, preparar e indicar vegetais como forma de tratamento para algum mal ou enfermidade. Já as benzedoras ou benzedoras, “são as detentoras da capacidade especial de manipular as forças do sagrado, atuando no corpo físico ou não” (GOMES, 2004).

Na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) existem diversos saberes e práticas sobre o uso de plantas medicinais que são invisibilizadas pelo intenso processo de expansão urbana a partir da lógica urbano-industrial e das ações do capital imobiliário. Nesse contexto, desde 2004, a Articulação Metropolitana de Agricultura Urbana (AMAU) se organiza para fortalecer as experiências de agricultura urbana a partir de encontros para troca de saberes e de práticas. Dentre as comissões de organização da articulação, é importante ressaltar a Comissão de Mulheres e de Plantas



III CIFA

COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS

Medicinais. As pessoas e organizações que participam da AMAU têm relação com práticas de agroecologia na RMBH e com outras temáticas como, por exemplo, saúde coletiva e plantas medicinais, soberania e segurança alimentar, feminismo, economia popular e solidária, direito à cidade, dentre outras temáticas.

Desde o início do ano de 2018, iniciaram os encontros entre raizeiras, benzedeadas e parteiras na RMBH, formando a Articulação Metropolitana de Raizeiras, Benzedeadas e Parteiras da RMBH, com reuniões periódicas para proporcionar a troca de experiências, conhecimentos e práticas entre as mulheres. Nestes encontros, o intercâmbio de saberes se dá de forma leve, onde as mais velhas ensinam as mais novas, e as mais novas ensinam as mais velhas.

Em maio de 2018, realizado na cidade de Belo Horizonte, o IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA), que contou com a presença de pessoas de todo o Brasil. Muitas dessas pessoas possuem como principal ocupação, o cultivo e o uso de plantas medicinais para a sua sobrevivência e para tratamentos naturais. No decorrer do evento, essas pessoas utilizavam seus conhecimentos medicinais e ancestrais para tratar participantes das mais diversas formas, destacando-se para os chás, extratos e pomadas feitos com plantas medicinais utilizadas por benzedeadas/es, raizeiras/os e terapeutas de várias regiões do Brasil. Os cuidados foram realizados na tenda da Saúde Fernando Vieira - ativista sobre o uso das plantas medicinais na RMBH era o falecido marido de Maria Aparecida Arruda, Tantina - por voluntárias(os) de todos os cantos do país. Ademais, o IV ENA chamou atenção para as necessidades de identificação, reconhecimento e inserção social das/os agricultoras/es urbanas/os que cultivam, manipulam e utilizam as plantas medicinais na RMBH, comercializando os seus produtos em suas casas, em feiras e/ou em eventos voltados para a área da agroecologia.

Diante disso, surge a imprescindibilidade de compreender melhor a dinâmica das/os raizeiras/os da RMBH, relacionando ao aprendizado do ofício, local de cultivo e coleta das matérias-primas utilizadas. Nesse contexto, o intercâmbio e a sistematização de experiências protagonizadas por mulheres se configuraram em estratégias voltadas para a visibilização e valorização do trabalho desenvolvido pelas mulheres na agroecologia e aprimoramento da sua capacidade em refletir sobre suas próprias experiências (CARDOSO & SCHOTTZ, 2010, p.13). Para além, é necessário entender a particularidade das mulheres enquanto raizeiras, a sua emancipação no feminismo através da participação em articulações ligadas à agroecologia, agricultura urbana e ao próprio ofício de raizeira.

O objetivo geral do trabalho é dar visibilidade ao ofício de benzedeadas e raizeira na RMBH, bem como mostrar a importância do feminismo para os processos de benzeção e sucessão ancestral da cultura do uso das ervas medicinais para as práticas. Como objetivo específico, buscase as origens e práticas de cura com as plantas; perpetuação dos saberes tradicionais, a agroecologia na RMBH e a importância do feminismo na vida cotidiana das raizeiras.



III CIFA

COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS

Para enriquecer o trabalho, foram entrevistadas Maria Catarina de Souza e Maria Aparecida de Arruda Vieira, mais conhecida como Tantinha. As duas raizeiras foram escolhidas para compor o trabalho devido ao seu protagonismo enquanto mulheres transmissoras de conhecimento, articuladoras de outras mulheres, pela sua participação na AMAU e na Articulação de Benzedeadas, Raizeiras e Parteiras da RMBH. É importante salientar que ambas estiveram no IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA), para o qual cooperaram na construção da Tenda da Saúde, atuaram com os seus conhecimentos de Raizeiras e benzedeadas, auxiliaram nas curas físicas e também espirituais dos participantes do evento que buscaram seus cuidados. Para além do evento, Catarina e Tantinha cuidam da comunidade ao redor de suas casas e de pessoas que buscam seus tratamentos. Catarina trabalha principalmente com a divulgação dos saberes tradicionais através dos remédios caseiros, já Tantinha, além das benzeções e dos remédios caseiros, produz cosméticos e remédios naturais visando o equilíbrio do corpo físico e espiritual. Segundo Gomes (2004), “a sociedade estabelece para separar rezadores do bem e do mal [...] a missão do rezador consiste em lidar com a ordem e a desordem, o bem e o mal, a doença e a saúde, o sagrado e o profano”.

METODOLOGIA

O presente trabalho foi dividido metodologicamente em duas etapas: a primeira foi a revisão de literatura a respeito dos temas raizeiras, benzedeadas, feminismo e agroecologia, plantas medicinais, Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) e a particularidade de sua articulação em agroecologia e feminismo. Diante disso, foi possível aprofundar nas especificidades dessa região, do seu contexto enquanto incentivadora da Agroecologia e da Agricultura Urbana como meio de vida;

Já na segunda parte do trabalho, foi realizada entrevista semiestruturada com duas raizeiras, benzedeadas, moradoras da RMBH, sendo elas: Catarina e Tantinha, respectivamente domiciliadas nos municípios de Contagem e Sabará. Ambas participam da AMAU (Articulação Metropolitana de Agricultura Urbana) e da articulação PACARI, que têm como o principal objetivo a valorização e validação do saber consuetudinário dos povos do Cerrado brasileiro. As perguntas executadas foram abertas, buscando maior conforto para as entrevistadas em relação aos temas trabalhados, a fim de sistematizar as experiências, os resultados das entrevistas serão apresentados neste trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

É de extrema importância a articulação de mulheres enquanto sujeitos de presença, conhecimento e transmissoras de um saber ancestral, de luta na RMBH. Para dar início aos trabalhos propostos neste artigo, serão mostrados a história de vida, o engajamento, o papel do feminismo na agroecologia, além da gratificação entendida enquanto raizeira para as protagonistas deste trabalho.



III CIFA

COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS

As entrevistadas têm entre 50 e 60 anos, uma viúva e outra casada, mães e participantes de organizações da sociedade civil na RMBH como AMAU, RUA e Articulação de Raizeiras, Benzedeiras e Parteiras da RMBH. Aparecida Arruda, filha de mãe solteira, atualmente visualiza que desde a infância era a referência de sua família para cuidado de seus irmãos e irmãs. Quando foi perguntado a ela como iniciou o Ofício de Raizeira, suas palavras foram as seguintes:

Todas nascem como raizeiras, mas tem um momento da vida que esse dom acorda, quando minha mãe chegou com a irmã nova, dei banho e coloquei arruda no umbigo, foi intuitivo e assim comecei a cuidar dos irmãos, cuidava também dos recém nascidos da vizinhança, e assim comecei a ser raizeira (Tantinha, 2019).

Dessa forma, utilizava das plantas medicinais para tratar e prevenir doenças de sua família. Ademais, sua fama de curadora ultrapassava os muros de sua própria casa e atingia a comunidade que a buscava para curar o umbigo de recém-nascidos. As plantas que ela precisava eram cultivadas na janela de casa, em vasos que se destacavam em meio àquele espaço cercado por moradias humildes.

Outra raizeira entrevistada foi Catarina. Ela morava na cidade de João Monlevade na infância, também desde criança começou a observar a avó a fazer chás para quase todos os tipos de enfermidades; utilizava, além das plantas *in natura*, outros recursos naturais como azeite na cura de umbigos de recém-nascidos, picadas de cobra, dores de dente. Quando se casou, mudou para Belo Horizonte, começou a usar as plantas para assistir os filhos que estavam adoentados, através de chás, xaropes, banhos “pra que eu tenho que levar ao médico, comprar remédio se minha vó fazia e não tinha gasto? Meus filhos eram muito doentes e assim eu procurava xaropes, e a vontade de aprender mais foi aparecendo” (Catarina).

A vontade de saber mais sobre as plantas foi crescendo com o passar dos anos. Catarina salienta que sempre teve o seu trabalho voltado para o social, a fim de emancipar outras mulheres a terem um ofício e conseguirem se manter. Ela dava cursos para idosas e atualmente está envolvida em um projeto de cursos de jardins produtivos em presídios femininos juntamente com uma psicóloga.

É muito importante mostrar a mulheres em situação de vulnerabilidade que existe outro caminho e que elas podem não mais depender e sofrer abusos dos maridos e esposas através da agroecologia e dos conhecimentos que ela fornece, elas podem se fortalecer enquanto mulheres (Catarina, 2019).

Ambas relataram que buscaram maior capacitação sobre plantas, cuidados e como potencializar ainda mais o seu dom de raizeira através de cursos voltados para a área da agroecologia. Arelado ao uso das plantas está a benzeção, ao processo de cura de certas



III CIFA

COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS

moléstias, quando estava agitado, triste – em suas palavras, relata que o filho teve “aguamento”, levava ao médico e não melhorava, foi quando o sogro falou para benzer o menino. Em suas falas, no decorrer das entrevistas, percebe-se que as plantas estão ligadas a outras práticas, sejam rituais, políticas, religiosas ou culturais. Tatinha começou a benzer no IV ENA, na Tenda da Saúde, junto com outras benzedoras abriu o encontro benzendo as pessoas ao redor, e assim segue estudando e conhecendo mais sobre benzer. “Na feira as pessoas já me pedem para benzer, uns chegam e falam que tenho às mãos que curam, as pessoas me ligam ou indicam até para benzer a casa, o escritório” (Tatinha, 2019).

Entretanto, elas contaram que foram reprimidas pelos maridos quando se sentiram mais capazes de realizar o ofício de raizeiras, pois, a partir daí, começaram a viajar e a replicar o conhecimento que haviam aprendido para outras pessoas, especialmente mulheres. Com o tempo, o próprio marido de Tatinha foi atraído pela agroecologia e pelas políticas de mudança de vida trazidas por ela, ele também foi um multiplicador de saberes da RMBH, e junto com ela fez de seu quintal comunitário um ervanário com 170 espécies de plantas.

Eu gosto de falar do quintal, nós tínhamos um quintal, era um amontoado de lixo, um dia Fernando participando dos encontros, dos cursos falou para mim que tinha inscrito nosso quintal em um projeto de melhorias de quintais, eu criei resistência, mas ele insistiu e assim criamos a farmácia viva com até 170 tipos de plantas medicinais em 50 metros quadrados (Tatinha, 2019).

Catarina também não teve apoio do marido no início de seu trabalho com as plantas, mas hoje ele ajuda no cuidado da horta, num espaço alugado perto de sua casa e nas feiras que participa.

Sempre fui uma mulher meio atrevida e nunca aceitei não como respostas... nunca fui de seguir normas que ninguém me impusesse, claro, olhando a questão de ser mulher, mãe, negra... você não pode ser sem educação, mas brigo pelo que quero... meu marido quis me proibir até hoje de trabalhar com as plantas, vou viajar para outra cidade e já falam que vou largar a casa...mas o ganho que terei não apenas econômico, mas de passar conhecimento e aprender também é gratificante (Catarina, 2019).

É inegável a importância que as duas raizeiras dão para a AMAU, pois foi lá que elas começaram a se articularem na RMBH e a aprenderem cada vez mais sobre o ofício de raizeiras, a como preservarem o entorno, serem reconhecidas enquanto mulheres fortes e notáveis para a sociedade. Pode-se notar com o protagonismo delas enquanto multiplicadoras de saberes populares, porque se tornaram referências na RMBH e em todo o país, uma vez que são sempre solicitadas para dar palestras, cursos e oficinas em vários estados brasileiros. Além disso, a rede de trocas produzida através dessas articulações de agricultura urbana e agroecologia traz também,



III CIFA

COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS

de acordo com Almeida (2004), analisando a experiência de Belo Horizonte (MG), melhores hábitos alimentares, sobretudo por ter evidenciado a relação que há entre alimentação e saúde.

Quando apareceu uma oportunidade de trabalho na prefeitura de Contagem para trabalhar com as ervas e as PANCS... aí tive que estudar as plantas e comecei a participar de encontros da AMAU, que, para mim, foram uma escola, ainda é, e também os grupos de agricultores familiares e urbanos... e vi depois uma necessidade de ter um diploma para justificar tudo o que eu fazia e falava, fui para UFV e fiz alguns cursos e voltei mais interessada nas plantas... o bom dos encontros da AMAU são as trocas, aprendemos muito nas conversas (Catarina, 2019).

Outro ponto tocado pelas entrevistadas foi o aumento da renda familiar, possivelmente através das práticas agroecológicas, pois, com o trabalho que realizam, puderam melhorar a infraestrutura de suas casas, criar um ambiente de trabalho com suas farmácias populares, de onde extraem tinturas, fazem xaropes, cosméticos e produtos à base de plantas cultivadas em suas próprias hortas e espaços alugados ou comunitários.

Não cobrava pelo serviço (de fazer remédios e chás para outras pessoas), fazia trocas, trocava por uma rapadura, mas o financeiro começou a pesar e eu precisava me organizar para não precisar costurar mais, já tinha perdido o interesse, ou trabalhar com as plantas que me deixava feliz (Tantinha, 2019).

A diversificação da alimentação da família com alimentos sem agrotóxicos, a redução de desperdícios devido à consciência ecológica trazida pela agroecologia, além do cuidado com a saúde de sua família de forma simples e natural são formas de aumentar a variabilidade, formas de cuidado através dessa ciência que é a agroecologia. Borsato *et al* (2009: p. 9) fala melhor sobre isso numa publicação da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA):

O cultivo de plantas medicinais em hortos pode ser considerado uma prática exemplar dos princípios agroecológicos. Como espaço pedagógico, possibilitará a integração e socialização dos conhecimentos tradicionais e científicos referentes ao contexto das plantas bioativas, incentivando a redução do extrativismo e a geração de renda, principalmente para a agricultura família.

Assim, a inserção dessas mulheres na agroecologia as torna ecofeministas porque, de acordo com Siliprandi (2015), foi através disso que elas iniciaram o entendimento nos processos dos quais estavam se constituindo como sujeitos políticos, sendo ao mesmo tempo agricultoras, ecologistas e feministas.

Aquele homem que não me ajudava nem a olhar os filhos... falou que eu não voltava a estudar porque não queria , voltei



III CIFA

COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS

a estudar conclui meus ensinamentos e passei no vestibular para farmácia, mas tive que parar porque ele ficou adoentado... daí assumi que sou raizeira e não preciso de qualificação acadêmica não, preciso da qualificação que o tempo que dá [...] Boa parte das plantas que cultivo e utilizo vêm do cerrado, valorizo o que tem no local, quando não tem eu planto ou busco com outras raizeiras, em último caso compro no mercado, mas já sei com quem comprar sou bem seletiva (Tantinha, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nota-se, através deste trabalho, que o papel das raizeiras e benzedadeiras na RMBH é de um amplo protagonismo de mulheres, grande influência delas em seu entorno e na comunidade. Sabe-se que várias tradições são esquecidas, desvalorizadas pela comunidade, por motivos religiosos, preconceitos, machismo ou até mesmo por novas práticas.

Entretanto, nos últimos anos, esse cenário vem mudando graças ao trabalho dessas mulheres e vem gerando maior valorização do campo através do consumo consciente de alimentos sem agrotóxico. A busca por plantas saudáveis para cura de doenças vem aumentando a cada momento, mas como nem toda a população vive no campo, se faz necessário adaptar o cultivo e o manejo para as cidades. O trabalho nas regiões metropolitanas, nas vilas e aglomerados trazem esses ensinamentos, além de um modo de vida mais perto da natureza em meio a tanto concreto. Assim, surge a demanda por projetos como os de hortas comunitárias, farmácias vivas, cursos, palestras. Estes são formulados e levados à população aliando aos saberes, às vivências das mulheres no campo em confluência com os saberes das mulheres residentes na cidade.

O encontro cultural, étnico, agroecológico dos saberes tradicionais das mulheres do rural e das mulheres do urbano trazem outras abordagens, sendo o feminismo uma delas, atuando com a valorização da mulher no geral, seja ela moradora do campo e ou da cidade, que trabalha com as práticas agroecológicas nos seus cotidianos, podendo ser desde o plantio até a manipulação de plantas para alimentar e sanar o corpo.

Além das agricultoras, temos as raizeiras e benzedadeiras que trazem consigo uma ancestralidade de saberes do campo através do uso das plantas medicinais e de terapias alternativas para cura e cuidados da população. Essas mulheres usam xaropes, chás, pomadas e cosméticos naturais. Tais práticas agroecológicas, vivenciadas e transmitidas por elas, de todas as formas, trazem impactos positivos para a população e em suas vidas como raizeiras e benzedadeiras. Mulheres que transformaram seus costumes e de suas famílias com empoderamento e lutam por reconhecimento de seu trabalho como raizeiras dentro e fora de seus lares. Quando contam suas histórias, elas se reconhecem como protagonistas nesses espaços que tornam o homem a figura central na agroecologia, “em alguns cursos com a articulação PACARI, e em um deles a gente teve uma oficina de identificação, e no final fizemos umas oficinas e no final eu saí num orgulho, de cair naquela identidade e assumir ela em qualquer lugar” (Tantinha, 2019).



III CIFA

COLÓQUIO INTERNACIONAL
FEMINISMO E AGROECOLOGIA:
TRABALHO, CUIDADO E BENS COMUNS

Portanto, é importante ressaltar que todas as práticas de benzedeadas e raizeiras realizadas por Catarina e Tantina, sejam individualmente – em suas casas – ou atividades coletivas articuladas em grupos como citados anteriormente, são grandes fortalezas para o desenvolvimento da agricultura urbana agroecológica. Percebe-se isso com os cuidados, com as plantas e com as práticas desde o cultivo, até o preparo final remédios. Plantas que foram cultivadas por elas ou adquiridas através de extrativismo consciente, que ajudam em escala local na criação de pequenos sistemas agroalimentares, uma vez que, no caso de Tantina, além de produzir cosméticos naturais, comercializados em feiras de Belo Horizonte, proporcionando saúde e qualidade de vida, não apenas ao se alimentar, mas também ao usar um sabonete, shampoo, condicionador, nos cuidados diários.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Daniela. **Agricultura Urbana e Segurança Alimentar em Belo Horizonte: cultivando uma cidade sustentável**. Agriculturas – Experiências em Agroecologia. Rio de Janeiro, v. 1, n. 0, p. 25-28, 2004.

BORSATO, A. V.; SILVA, A.; SANTOS, A. G.; JORGE, M. H. A. **Plantas Medicinais e Agroecologia: Uma Forma de Cultivar o Saber Popular na Região de Corumbá, MS**. Embrapa, 2009. 13p.

CARDOSO, Elisabeth Maria; SCHOTTZ, Vanessa. **Mulheres construindo a Agroecologia no Brasil**. Revista Agriculturas, v.6, n.4. Dezembro de 2009.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães. **Assim se benze em Minas Gerais**. Belo Horizonte. Mazza Edições, 2004. 2ª edição.

OLIVEIRA, Ero. **O que é medicina popular**. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense. Coleção Primeiros Passos; 1985.

ORTUÑO, Judit Herrera; MARQUES, Flávia Charão; SILVA, Ana Lúcia Oliveira da. Mulheres, Ervas Medicinais e Alimentação Saudável: uma experiência no Território do Médio Alto Uruguai/RS. **Revista Grifos**, [s.l.], v. 26, n. 43, p.10-33, 2 fev. 2018. Revista Grifos. <http://dx.doi.org/10.22295/grifos.v26i43>. Disponível em: <<http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/grifos/article/view/4034/2345>>. Acesso em: 03 fev. 2019.

SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015. 356 p.